



PSICOLOGIA POLÍTICA DO RACISMO NO BRASIL: diálogos entre Karl Marx, Wilhelm Reich e Frantz Fanon

Mirella Rocha¹

RESUMO

Essa comunicação trata da psicologia política do racismo no Brasil, estabelecendo um diálogo entre os apontamentos críticos de Karl Marx, Wilhelm Reich e Frantz Fanon. Tendo em vista a particularidade da dialética do desenvolvimento capitalista no Brasil, construída pela via da escravização, o intento do texto é refletir sobre o *ser-precisamente-assim* da brasilidade, pensando os processos histórico-concretos da organização societária no país e a forma social racista como nosso legado mais arraigado, que funciona como espelho e ancoragem da estrutura social no plano ídeo-cultural e emocional-político, com consequências em todos os níveis da ordem socioeconômica e política. Trata-se de matéria fundamental na esteira dos debates provocados pelo tema desta XI JOINPP, afeto à peleja entre a emancipação humana como necessidade histórica e os processos de reificação capitalista – onde localizamos o campo da psicologia de massas, terreno do debate aqui proposto.

Palavras-chave: Psicologia Política; Relações Raciais no Brasil; Formação Social Brasileira

ABSTRACT

This communication addresses the political psychology of racism in Brazil, establishing a dialogue between the critical notes of Karl Marx, Wilhelm Reich and Frantz Fanon. Bearing in mind the particularity of the dialectic of capitalist development in Brazil, built through enslavement, the intent of the text is to reflect on the being-precisely-like-like of brazilianess, thinking about the historical-concrete processes of corporate organization in the country and the social form racist as our most ingrained legacy, which works as a mirror and anchor of the social structure at the ideological, cultural and political emotional level, with consequences at all levels of the socioeconomic and political order. This is a fundamental matter in the wake of the debates provoked by the theme of this XI JOINPP, related to the struggle between human emancipation as a historical necessity and the processes of capitalist reification – where we locate the field of mass psychology, the terrain of the debate proposed here.

Keywords: Political Psychology; Race Relations in Brazil; Brazilian Social Formation

¹ Docente na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Doutora, Tutora do PET Povos de Terreiro e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana; mirella.rocha@ufrj.br

PROMOÇÃO



APOIO





1 INTRODUÇÃO

Considerando a formação social brasileira, particularmente o peso da escravização na dialética do desenvolvimento capitalista do país, admitimos como pressuposto da análise desta comunicação que as relações raciais no Brasil sobredeterminam processos de subjetivação individuais – para sujeitos negros e brancos – e coletivos, os quais ancoram projetos políticos de dominação de massas. Trata-se de matéria fundamental na esteira dos debates provocados pelo tema desta XI Jornada Internacional de Políticas Públicas, afeto à formação da consciência de classe nas lutas contra-hegemônicas, quer dizer, a peleja entre a emancipação humana como necessidade histórica e os processos de reificação capitalista – onde localizamos o campo da psicologia de massas, terreno debate aqui proposto.

A partir dos estudos de Wilhelm Reich – temos que tudo que está fora também está dentro, isto é, há um princípio de funcionamento comum na vida – e, nesse sentido, a ordem social e a vida individual são partes de um todo, de uma natureza concreta e seu processo integral², material, real e histórico de funcionamento.

Sendo assim, parece evidente que se há um *ethos* racista determinando a organização sócio-política-econômica-cultural no Brasil, há uma forma concreta de funcionamento do racismo em cada sujeito. Desse modo, uma hipótese do estudo em tela, sugere que da mesma forma que para Reich o fascismo não é um “partido político” ou uma “ideia política”, ou uma “característica nacional de alemães ou japoneses” assim também é o racismo, compreendido em sua forma concreta de

² Apenas para fins didáticos, importa referenciar que quando falo em processo integral, refiro-me ao todo concreto e o subjetivo, sutil que a ciência ocidental separa, notadamente a partir da tradição ontológico-crítica (eurocentrada) o marco temporal é 1848 com a chamada “decadência ideológica da burguesia”. Aí temos a consolidação das revoluções burguesas, o projeto iluminista com Deus se separando do Estado – e, também, diversas expressões científico-espirituais sendo entendidas como “religião” e separadas do que é considerado científico – e dentro do que é considerado científico, a autonomização das áreas do conhecimento em partes distintas, a exemplo biologia, história, cultura, sociologia, economia, etc. Aí temos uma economia sem filosofia, uma sociologia sem história, uma antropologia sem política, e assim sucessivamente. Para aprofundar nesse tema cf. Lukács, Georg (2012).

PROMOÇÃO



APOIO





funcionamento desde a forma particular como capitalismo dependente racista-patriarcal se desenvolveu no Brasil.

Em Reich (2001) o fascismo é expressão politicamente organizada da estrutura do caráter do homem médio, não sendo exclusividade de raças, nações ou partidos, mas “neste sentido caracterial, o fascismo é a atitude emocional básica do homem oprimido da civilização autoritária da máquina, com sua maneira mística e mecanicista de encarar a vida” (REICH, 2001, p. XXVII). Assim, em diálogo com os estudos de Wilhelm Reich, bem como de Karl Marx e a tradição do pensamento social crítico latino-americano, além de Frantz Fanon, o objetivo dessa análise é cotejar a hipótese do racismo como forma particular do movimento dinâmico da caracterialidade fascista no Brasil.

Ressalto que se trata de uma pesquisa em desenvolvimento desde o ano de 2021, a qual conta com financiamento do MEC/FNDE, denominada “Psicologia Política do Racismo na Formação Social Brasileira e a Reinvenção do Corpo-Potência Arkhé-Axé”, desenvolvida por meio do grupo PET-Conexões “Povos de Terreiro e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana” (UFRJ).

2 DESENVOLVIMENTO

Há um debate recorrente sobre o fascismo, que o apresenta como uma ideologia que pode ser atribuída a um partido político ou a um país a partir de determinadas circunstâncias políticas no curso da história. Reich, ao contrário, vai assinalar que:

O fascismo não é mais do que a expressão politicamente organizada da estrutura do caráter do homem médio, uma estrutura que não é o apanágio de determinadas raças ou nações, ou de determinados partidos, *mas que é geral e internacional*. Neste sentido caracterial, o fascismo é a atitude emocional básica do homem oprimido da civilização autoritária da máquina, com sua maneira mística e mecanicista de encarar a vida (REICH, 2001, p. XXVII – grifo nosso).

Nos parece que no próprio amadurecimento teórico do autor, ele mesmo identificou em obras posteriores que qualquer coisa pretensamente universal, acaba

PROMOÇÃO



APOIO



por tornar estático-absoluto, ao passo que autonomiza um processo ou fenômeno que está em funcionamento vivo e dinâmico, tornando-o mecanicista. Em seus termos:

Quando digo “mecanicista”, refiro-me a uma composição ainda indefinida de diversos conceitos agrupados em volta da matéria e seu movimento. Até a descoberta da rádio, cerca de cinquenta anos atrás, a matéria parecia estática, visível, palpável, inalterável, regida pela lei da “conservação da matéria”, movida por uma “força” absoluta, eterna, em forma de átomos e “poeira cósmica”. O absoluto e o estático eram assumidos até por aquelas escolas de psicologia com orientação dinâmica, como a de Freud, na forma de ideias inconscientes preestabelecidas. (...) abrir mão do ponto de vista estático, absoluto do aparato sensorial e emocional é equivalente a desistir da psicologia como ciência das funções naturais últimas. A consideração lógica que se segue invariavelmente é: os elementos emocionais não podem ter existido desde tempos imemoriais; eles devem ter se desenvolvido. Com essa consideração, tanto o ponto de vista material como estático caem por terra. *O desenvolvimento é um processo dinâmico por definição.* (REICH, 2003, p. 31-32 – grifo nosso)

Assim como os elementos emocionais, também os elementos sociais, políticos e culturais não existem desde tempos imemoriais, mas se desenvolveram de forma histórico-concreta. Desse modo, sugerimos que quando Reich (2001) diz que o *fascismo é geral e internacional*, remetendo à “civilização autoritária da máquina”, está se referindo ao desenvolvimento da sociedade capitalista-patriarcal, tornada geral e internacional a partir da dinâmica de funcionamento concreto do imperialismo.

Porém, importa ressaltar que a dinâmica patriarcal e imperialista do capital não se desenvolve de forma igual-estática-absoluta em todas as partes do mundo. Obviamente há tendências gerais de desenvolvimento da moderna sociedade capitalista, as quais estão sinalizadas na obra de Karl Marx. No entanto, consciente dos desvios que começaram a se apresentar entre os “marxistas” – especialmente do movimento político europeu do período – o próprio Marx inferiu que se tratavam de Leis gerais, em um dado nível de abstração teórico-metodológico, no qual é possível identificar as tendências de desenvolvimento geral e os elementos que articulam, organizam e hierarquizam a vida na sociedade capitalista, os quais tornam possível sua reprodução econômica-material e político-social-cultural (e também emocional – poderíamos acrescentar), em condições determinadas, em dada espiral de espaço-tempo.

PROMOÇÃO



APOIO





É nesse sentido que a base filosófica do materialismo histórico se opõe ao idealismo hegeliano. Em Hegel (1993) a racionalidade é o próprio tecido do real e do pensamento. Em tal sistema filosófico o mundo é a manifestação da ideia, o real é racional e o racional é real, de modo que a história universal nada mais é do que a manifestação da razão. Assim, diferentemente de se pensar desde ideias arranjadas, desde a razão pura, desde a lógica contemplativa do mundo sensível, desde os conceitos teóricos a priori, o esforço que priorizamos aqui, na esteira das contribuições de Marx e Reich, é partir de pressupostos reais, ou seja, considerar os sujeitos reais e suas relações sociais reais em processo dinâmico de desenvolvimento. Mas como Marx e Reich nos auxiliam com essas reflexões?

Pois bem, Marx (2011, p. 54) indica que é necessário atentar para as relações que os homens estabelecem em seu processo histórico real de desenvolvimento, posto que o concreto é a síntese de múltiplas determinações. Todo real-concreto é espesso, como indica a poesia de João Cabral de Melo Neto (MELO NETO, 1979):

*O que vive
incomoda de vida
o silêncio, o sono, o corpo
que sonhou cortar-se
roupas de nuvens.
O que vive choca,
tem dentes, arestas, é espesso.
O que vive é espesso
como um cão, um homem,
como aquele rio.
Como todo o real
é espesso.
Aquele rio
é espesso e real.
Como uma maçã
é espessa.
Como um cachorro
é mais espesso do que uma maçã.
Como é mais espesso
o sangue do cachorro
do que o próprio cachorro.
Como é mais espesso
um homem
do que o sangue de um cachorro.
Como é muito mais espesso
o sangue de um homem
do que o sonho de um homem.*

PROMOÇÃO



APOIO



O poeta remete à concreticidade do real, que vai ganhando espessura maior no desenrolar da poesia, quanto mais se aproxima do universo natural e objetivo do ser humano e suas relações sociais. Diante da imponência do real da vida, o cachorro é mais espesso que a maçã, o sangue do cachorro é mais espesso que o cachorro e o homem mais espesso que o sangue do cachorro, sendo, finalmente, o sangue do homem mais espesso que seus sonhos, posto que se trata da materialidade concreta da existência de homens e mulheres como organismo vivo em seu processo de desenvolvimento social real.

Nesse sentido, em 1837, Marx escreve uma carta para o pai, criticando “a forma acientífica do dogmatismo matemático” na qual o sujeito roda em torno da coisa, refletindo, para cá e para lá, “sem que a própria coisa assuma sua forma”, *como algo abundantemente vivo e em desenvolvimento*. Na mesma carta, contrapõe a tal fórmula com a proposição da apreensão metodológica correta dos fenômenos: “é necessário se deter para escutar atentamente o próprio objeto em seu desenvolvimento, sem se empenhar em imputar-lhe classificações arbitrárias, e sim deixando que a própria razão da coisa siga seu curso contraditório e encontre em si mesma a sua própria unidade”. (MARX, 2010 [1837], p. 297)

Assim, ao apontar para a necessidade de observar o movimento real do fenômeno sem atribuir-lhe coisas estranhas, para que ele se expresse em seu movimento, Marx (2010 [1837]) já sinalizava que a tarefa fundamental é atentarmos para “a ideia na realidade mesma”, da mesma forma quando Reich (2003) faz a crítica as filosofias de vida mecanicista e mística, as quais atacam o *elemento vivo no ser humano*.

Retornando especificamente ao nosso objeto, não partimos, portanto, do fascismo como conceito teórico, transplantando uma teoria e tentando enquadrar a

PROMOÇÃO



APOIO





realidade no conceito posteriormente, tal como fez a tradição do marxismo vulgar vinculado à segunda e a terceira Internacional Comunista³.

Em Reich (2001), há uma preciosa crítica do marxismo vulgar, que autonomizava os conceitos, tornando-os rígidos e metafísicos, particularmente na análise da função e forma de operação da ideologia e sua relação com a base material. Nosso autor vai analisar que somente um “marxismo vulgar” concebe uma antítese na relação entre economia e ideologia, assim como entre a “estrutura” e a “superestrutura”, uma perspectiva precária que não leva em conta o chamado “efeito de volta” da ideologia, isto é, as formas pelas quais a ideologia incide sobre a própria base material que a determina. Presa a essa visão esquemática e pouco dialética, resta a essa modalidade de marxismo vulgar apenas recorrer ao chamamento moral para que os trabalhadores correspondam em sua ação às condições objetivas em que se inserem, clamando pela “consciência revolucionária”, às “necessidades das massas” ou ao “impulso natural” para as greves e a luta. Reich conclui que essa versão esquemática do marxismo:

Tentará, por exemplo, explicar uma situação histórica com base na ‘psicose hitleriana’ ou tentará consolar as massas, persuadindo-as a não perder a fé no marxismo, assegurando-lhes que, apesar de tudo, o processo avança, que a revolução não pode ser esmagada, etc. O marxista comum acaba por descer ao ponto de incutir no povo uma coragem ilusória, sem, no entanto, analisar objetivamente a situação em sem compreender sequer o que se passou. Jamais compreenderá que uma situação difícil nunca é desesperadora para a reação política ou que uma grave crise econômica tanto pode conduzir à barbárie como a liberdade social. *Em vez de deixar seus pensamentos e atos partirem da realidade, ele transporta essa realidade para a sua fantasia de modo que ela corresponda aos seus desejos.* (REICH, 2001, p. 14-15 – grifo nosso)

Ao contrário desse movimento que transporta a realidade para a fantasia, o intento aqui é apreender o sentido caracterial do fascismo em seu movimento

³ Caio Prado Jr. em ‘A Revolução Brasileira’ (2004 [1966]) denuncia que tal expediente se tornou prática corriqueira na análise da realidade promovida pelo marxismo brasileiro, colonizado pelos manuais soviéticos da década de 1950. Caio Prado se referia sobretudo ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) de seu tempo, mas importa ressaltar que essa prática se difundiu bastante em toda a América Latina. Para Aricó (1983): “Ausente una relación original con la complejidad de las categorías analíticas del pensamiento marxista, y con su potencial cognoscitivo aplicado a formaciones nacionales concretas, el marxismo fue en América Latina, salvo muy escasas excepciones, una réplica empobrecida de esa ideología del desarrollo y de la modernización canonizada como marxista por la Segunda y la Tercera Internacional.” (ARICÓ, 1983, p. 48). Tal forma não foi diferente do que ocorreu em boa parte do movimento de esquerda na Europa, como bem sinalizado na crítica de Reich.

PROMOÇÃO



APOIO





dinâmico, histórico-concreto, o qual é expressão do movimento real do desenvolvimento da civilização industrial gravemente doente em nossas latitudes. O objetivo é cotejar a hipótese do racismo como forma particular do movimento dinâmico da caracterialidade fascista no Brasil, diante da forma específica como se desenvolveu historicamente o capitalismo em sua particular formação social, a família patriarcal e a chamada classe média nessas latitudes. Segundo Reich:

A nossa psicologia política não poderá ser outra coisa que um estudo do “fator subjetivo da história”, da estrutura do caráter do homem numa determinada época e da estrutura ideológica da sociedade que ela forma. Esta psicologia não se opõe, como a psicologia reacionária e a economia psicologista, à sociologia de Marx, quando lhe sugere uma ‘visão psicológica’ dos fenômenos sociais; *pelo contrário, ela reconhece o mérito dessa sociologia que a partir da existência infere uma consciência.* (REICH, 2001, p. 15 – grifo nosso)

Nessa esteira, encontrar o ser-precisamente-assim do racismo como forma particular do movimento dinâmico da caracterialidade fascista no Brasil, em sua organicidade histórica e viva na sociedade brasileira, expressa em suas relações sociais e funcionais – no que se refere à caracterialidade dos indivíduos histórico-concretos –, requer, portanto, observar a particularidade do desenvolvimento da sociedade capitalista patriarcal no Brasil, dado que não podemos esquecer, “a estrutura do caráter é o processo sociológico congelado de uma determinada época” (REICH, 1989, p. 7).

No prefácio à primeira edição do “Análise do Caráter”, Reich (1989, p. 6) vai dizer que “a estrutura socioeconômica da sociedade determina modos definidos de vida familiar, mas estes não só pressupõem formas definidas de sexualidade como também as produzem”. A partir dessa chave, questionamos: qual a forma particular de família patriarcal e de modo de vida da classe média baixa – os dois pilares de sustentação de uma psicologia de massas, para Reich⁴ – no Brasil tendo em vista a

⁴ Reich localizará a base de uma determinada expressão de uma psicologia de massas (a do fascismo) em dois pilares: uma certa forma de família tendo no centro a repressão à sexualidade infantil; e o caráter da “classe média baixa”. Para ele, a repressão à satisfação das necessidades materiais difere da repressão aos impulsos sexuais pelo fato que a primeira leva à revolta enquanto a segunda impede a rebelião, uma vez que o retira do domínio consciente “fixando-o como defesa moral”, fazendo com que o próprio recalque do impulso seja inconsciente, seja visto pela pessoa como uma característica de seu caráter. O resultado disso, segundo Reich, “é o conservadorismo, o medo a liberdade, em resumo, a mentalidade reacionária”

PROMOÇÃO



APOIO





via da escravização para a consolidação do capitalismo dependente em nossa sociedade?

Diferentemente da forma de consolidação da sociedade capitalista patriarcal na Europa – construída a partir de Revoluções Burguesas que suplantaram o modo de produção anterior, o feudalismo, empunhando as bandeiras da Igualdade, Liberdade e Fraternidade e inaugurando o caráter civilizatório do moderno capitalismo euro-ocidental – a construção do capitalismo no Brasil se baseou em mais de 350 anos de colonialismo escravista, com a violência sistemática e estrutural imperando, avessa a qualquer pretensão civilizatória.

Ao comentar o livro de Frantz Fanon, “Os condenados da terra” no prefácio, o filósofo francês J. P. Sartre (2005) faz uma comparação do processo de transição do feudalismo para o capitalismo na Europa, no qual a burguesia, apesar de criticar os trabalhadores, dizendo que os mesmos eram grosseiros e invejosos, incluía aqueles considerados brutos em sua espécie, pois que se não fossem homens e livres, como poderiam eles vender a força de trabalho aos primeiros? Agora, no colonialismo, que ocorreu paralelamente a esse processo no sul do mundo, como a base de exploração é o trabalho forçado, o processo é essencialmente violento, é baseado em profundos processos de desumanização:

Nossos soldados, além-mar, rejeitando o universalismo metropolitano, aplicam ao gênero humano o *numerus clausus*: já que ninguém pode, legalmente, despojar o seu semelhante, escraviza-lo ou mata-lo, eles estabelecem o princípio de que o colonizado não é o semelhante do homem. Nossa força tarefa recebeu a missão de transformar em realidade essa certeza abstrata; deu-se a ordem de rebaixar os habitantes dos territórios anexados ao nível do macaco superior, para justificar o colono de trata-los como bestas de carga. A violência colonial não se atribui apenas o objetivo de controlar esses homens dominados, ela procura desumanizá-los. Nada será poupado para liquidar suas tradições, para substituir suas línguas pelas nossas, para destruir sua cultura sem dar-lhes a nossa, nós os transformaremos em brutos pela fadiga. Desnutridos, doentes, se resistirem ainda, o medo terminará o trabalho: apontam-se fuzis para o camponês; vêm civis que se instalam na sua terra e o obrigam com chicote a cultivá-la para eles. (SARTRE, 2005, p. 31-32)

No entanto a aparente dominação étnica-cultural encobre um domínio econômico-político-psicológico mais complexo. Fanon (2008), vai afirmar que a

PROMOÇÃO



APOIO





escravização relega um profundo processo de *alienação colonial*, que pode ser explicado como um processo de mistificação, de negação e ocultação do ser. Essa mistificação perpetra um processo contraditório, que afeta a vida de cada indivíduo na sociedade, moldando seu modo de ser, sua condição psicológica – e aqui estamos falando de todos os indivíduos, não apenas dos negros. Em relação aos negros, Fanon (2008) infere que tendo negada a sua condição humana pelo processo colonial, *a negação do seu ser acaba sendo a forma de buscar afirmar sua humanidade*.

O autor analisa que é fundamental reconhecer que há, na experiência vivida do negro, uma negação ontológica, oriunda do processo de colonização escravista. Toda a experiência vivida dos sujeitos descendentes dos povos colonizados, mesmo após o fim do colonialismo, passa pela construção negativa do seu ser. Para os africanos e seus descendentes, a negação passa pela construção do ser negro. O tempo todo na sua relação com o outro, o não negro é apontado, é confirmado como negro, como ser destituído de humanidade ou em nível abaixo dela. Isso estrangula as possibilidades do ser para aqueles que a construção social lega a identidade negra. Assim, conforme afirma Fanon (2008, p. 103-104):

Qualquer ontologia se torna irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada. Parece que este fato não reteve suficientemente a atenção daqueles que escreveram sobre a questão colonial. Há uma *weltanschauung* [cosmovisão] de um povo colonizado, uma impureza, uma tara que proíbe qualquer explicação ontológica. (...) A ontologia, quando se admitir de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro. Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco. Alguns meterão na cabeça que devemos nos lembrar que a situação tem duplo sentido. Responderemos, não é verdade. Aos olhos do branco o negro não tem resistência ontológica. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referências foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não os conhecia e que lhes foi imposta. (FANON, 2008, p. 103-104)

Nesse sentido, a condição alienada é, para Fanon (2008), produto de uma estrutura econômico-psicológica que o desumaniza e objetifica. Para o branco se expressa em um sentimento de superioridade e para o negro, é como um sentimento de “menos-valia psicológica” dirá o autor. Ela se expressa de tal forma que “o preto,

PROMOÇÃO



APOIO





escravo de sua inferioridade, o branco, escravo de sua superioridade, ambos se comportam segundo uma linha de orientação neurótica” em termos de análise psicanalítica (FANON, 2008, p. 66).

Os impactos dessa alienação na vida dos indivíduos, negros e brancos, perpassam profundamente a construção de suas formas de sociabilidade, desde o modo de ver-se e de ver o outro. Aliás, tendo a sexualidade um papel fundamental à conformação da vida, em termos amplos, Fanon (2008) mostra como, nesse âmbito da vida dos indivíduos, a mistificação impacta de formas perversas, dentre as quais a objetificação e violação do corpo negro é uma grande expressão. Para Fanon (2008), a explicitação da origem da neurose, sonhos e demais manifestações psicológicas do racismo devem ser entendidas não como questões individuais, mas, sim, como manifestações de toda uma sociabilidade, o que transcende a existência individual.

É preciso dizer que, em certos momentos o social é mais importante que o individual. Penso em P. Naville escrevendo: Falar dos sonhos da sociedade como se fossem os sonhos do indivíduo, dos desejos coletivos de potência como se fossem o instinto sexual pessoal é inverter ainda uma vez a ordem natural das coisas, uma vez que, pelo contrário, *são as condições econômicas e sociais que explicam e determinam as condições reais nas quais se exprime a sexualidade individual, e que o conteúdo dos sonhos de um ser humano depende também, das condições gerais da civilização na qual ele vive.* (FANON, 2008, p. 100 – grifo nosso).

Aqui cabe um paralelo com Reich, que também faz uma crítica parecida à psicanálise, bem como ao analisar a dinâmica do fascismo sobre as massas trabalhadoras, e também as reflexões daí derivadas sobre formas de consciência e reprodução social, dado que o “emocional” ou “fator subjetivo” não pode ser lido de forma autônoma da estrutura social.

Desde que a sociedade se dividiu entre aqueles que possuem os meios de produção e os que dispõem da mercadoria força de trabalho, toda a ordem social passou a ser estabelecida pelos primeiros, pelo menos independentemente da vontade e da inteligência dos últimos, e, na verdade, quase sempre contra a vontade deles. *Entretanto, a partir do momento em que essa ordem social começa a moldar a estrutura as estruturas psíquicas de todos os membros da sociedade, ela se reproduz no povo.* E na medida em que isso se dá pela utilização e transformação do aparato instintual, que é governado pelas necessidades da libido, também se ancora afetivamente nela. *O primeiro e mais importante foco de reprodução da ordem social, desde os primórdios da propriedade privada dos meios de produção esta na*

PROMOÇÃO



APOIO





família patriarcal, que incute em seus filhos a base caracterológica necessária à ulterior influência da ordem autoritária. Enquanto, de um lado a família representa o primeiro foco de reprodução de estruturas de caráter, o insight do papel da educação sexual no sistema educacional como um todo ensina-nos que, antes de mais nada, elas são energias e interesses libidinais empregados na ancoragem da ordem social autoritária. Portanto, as estruturas caracterológicas do povo de uma dada época ou de um dado sistema social não são apenas um espelho desse sistema. Mais significativamente, representam sua ancoragem. (REICH, 1989, p. 5 – grifo nosso)

A tradição crítica invisibilizada pela sociologia clássica conservadora na explicação do Brasil, vai nos dizer que o racismo, e sua forma de ser vivo em nossa sociedade, tem origem no *ethos* racista – nos termos de Clovis Moura (2014) – como ideologia reitora necessária à estruturação de um sistema que visava a consolidação da acumulação capitalista que se construiu no Brasil. O cerne do desenvolvimento socioeconômico do país pela via colonial baseada na escravização, visava a garantia da estrutura desigual que proporciona a produção do valor nos territórios que, uma vez colonizados, só puderam se estabelecer num capitalismo dependente, subordinado à dinâmica das nações imperialistas. Para Moura (2014):

A ideologia racista, por seu turno, será manipulada e entrará como componente do pensamento elaborado pelas classes dominantes na sociedade que sucedeu ao escravismo. Foi a muniçadora dos entraves criados através de mecanismos estratégicos que impediram a ascensão de grandes camadas oprimidas e marginalizadas. Esses mecanismos ideológicos (quer da classe senhorial, quer daquelas que a sucederam após a Abolição) determinaram, em grande parte, o *ethos* da nação brasileira que emergiu do escravismo e, ao mesmo tempo, estabeleceram os níveis de subordinação (econômica e extraeconômica) das classes e dos segmentos que se formaram na ordenação dessa sociedade. (MOURA, 2014, p. 42)

Todavia, para além de uma ideologia que funciona como o espelho das relações sociais que correspondem à organização societária, Reich (1989) aborda esse movimento dinâmico sobredeterminado pelo qual a sociedade molda a estrutura caracterial dos sujeitos, encontrando aí uma forma de ancoragem, ou precisamente em seus termos:

No escopo mais amplo da questão acerca da função sociológica da formação do caráter, temos de atentar para um fato que, embora bem conhecido, é mal compreendido em seus pormenores, a saber, o de que certas estruturas humanas médias são naturais de determinadas organizações sociais, ou em

PROMOÇÃO



APOIO





outras palavras, cada organização social produz as estruturas de caráter de que necessita para existir. (REICH, 1989, p. 4)

Quando falamos em racismo como forma social dominante, remetemos a essa análise tendo em vista o peso das relações étnico-raciais na formação social do país.

3 CONCLUSÃO

O estudo ainda em desenvolvimento, evidencia pistas sobre os temas em tela, à exemplo do apontamento que o “emocional” ou “fator subjetivo” não pode ser lido de forma autônoma da estrutura social e seu particular desenvolvimento em uma sociedade, é preciso nesse caminho aprofundar o papel que cumpre a caracterialidade racista brasileira, do ponto de vista emocional-funcional individual e político-funcional coletivo, posto que ancora um sistema ídeo-político-cultural que se expressa em um projeto de dominação baseado na subjugação, violação, superexploração e genocídio dos corpos pretos desde o início desse projeto de país.

Ademais, apreender a dinâmica do racismo em sua potência econômica-política e cultural na formação social brasileira, bem como a ideologia racista, como “componente do pensamento elaborado pelas classes dominantes em nossa sociedade”⁵, conforme supracitado em Moura (2014), é fundamental para tecermos essas considerações iniciais acerca da caracterialidade racista e a psicologia política daí decorrente, bem como atentarmos para o caldo ideológico-cultural da classe média, que vai se espriar por toda a estrutura da sociedade brasileira (inclusive as

⁵ Aqui Clovis Moura (2014) também é categórico ao afirmar que a sociologia que caiu no gosto das elites explicava o Brasil a partir do ressentimento dos resíduos de uma cultura primitiva afro-indígena, na qual o arcaico se mistura com o moderno e na qual somos o que somos pelo que nos resta de preguiça e apassivamento. Ao lado da esfera da sociologia restrita à análise culturalista (uma cultura autonomizada, descolada da estrutura econômico-social) também tiveram as análises psicanalíticas que buscavam observar as religiões de matriz africana em busca do Édipo africano (a obra de Artur Ramos é um exemplo de como se tratava o negro na época). Além disso houve também a interpretação biotipológica, o comportamento do negro durante a escravização era consequência do seu biotipo. Em todas essas análises teóricas os mecanismos profundamente repressivos e violadores, estranguladores da condição humana da pessoa escravizada, não eram considerados substantivamente, mas, ao contrário, a situação de membro de uma cultura diferente era o fator que explicaria o seu comportamento quer de aceitação ou de rejeição a sua situação de escravizado. Para o autor é evidente que não dá para analisar integralmente a situação dos negros sem considerar o modo de produção escravista colonial, a forma pela qual o capitalismo se organizou no Brasil.

PROMOÇÃO



APOIO





massas negras, quando tratamos da forma social racista no Brasil / inclusive as massas trabalhadoras, quando abordamos o fascismo em sua experiência clássica). Para Reich (2001) “a classe média tem, em virtude da estrutura do seu caráter, uma força social extraordinária que em muito ultrapassa a sua importância econômica. É a classe que retém e conserva, com todas as suas contradições, nada mais nada menos do que vários milênios de regime patriarcal.” (REICH, 2001, p. 40)

REFERÊNCIAS

ARICÓ, J. **Marx y América Latina**. Nueva Sociedad, n. n. 66 [mayo-junio/1983], p. p. 47-58, 1983.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. (Prefácio de Sartre) Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FANON, Frantz. **Peles negras, mascaras brancas**. Salvador, Editora da UFBA, 2008

HEGEL, G. W. F. **Ciencia de la lógica**. 6. ed. Buenos Aires: Solar, 1993

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social**; tradução Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012. 2v.

MARX, Karl. Carta ao pai. In: NETTO, J. P. e YOSHIDA, M. M. C. (Ed.). **Cultura, arte e literatura. Textos escolhidos de Marx e Friedrich Engels**. São Paulo Editora Expressão Popular, 2010 [1837].

MARX, Karl. **Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. O processo de produção do capital (vol 1; tomos 1 e 2) São Paulo: Abril Cultural 1984 [1867].

MOURA, Clovis. **Rebeliões de Senzala**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2014.

PRADO JR., Caio. **A Revolução brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2004 [1966].

REICH, Wilhelm. **Eter, Deus e o Diabo e a superposição cósmica**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REICH, Wilhelm. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

PROMOÇÃO



APOIO